

---

MIÉ, FABIÁN. *Dialéctica, Predicación y Metafísica en Platón, Investigaciones sobre el Sofista y los Diálogos tardíos*. Córdoba: Ediciones del Copista, 2004. ISBN: 987-563-032-2.

---

Thomas Alexander Szlezák resalta no prólogo do livro de Fabián Mié sobre os diálogos tardios a dívida desse autor tanto para com a fenomenologia heideggeriana, por meio do conceito de reapropriação fenomenológica, que procede à revisão da ontologia eleata, quanto em relação à dogmática não-escrita, mediante a teoria dos dois princípios, que explica a relação entre unidade e multiplicidade fenomênica, acuradamente investigada em diálogos como o *Sofista* e o *Filebo*.

A análise das vertentes epistemológicas da fenomenologia como hermenêutica ontológica, da dogmática ágrafa relativa à leitura esoterista do platonismo e da filosofia analítica permitem a Fabián Mié apresentar a sua tese da dialética platônica como exposição do *lógos* do ente.

Fabián Mié procurará desenvolver a concepção de uma teoria platônica da linguagem no livro dedicado aos diálogos tardios. Os diálogos tardios, propriamente o *Sofista*, aprofunda a tese da hipótese das idéias, contida nos diálogos intermediários, por meio da valorização da dimensão ontológica dos

conceitos de *eídos* e *lógos*. Platão apresenta no *Sofista* sua avaliação do eleatismo, rejeitando o sentido monista do ser, i.e., o ser entendido como uno e absoluto, de modo que, para Mié, o problema central do *Sofista* reside no questionamento do sentido do ser, haja vista que a ontologia eleata não resolve o problema da falsidade (*lógos pseudés*) e do engano (*apáte*). Assim, o conceito platônico de ser e de não-ser intenta, para Mié, justificar a existência do discurso falso sem admitir que dizer algo falso implique necessariamente não dizer nada (*medén*) ou, então, não dizer algo, entendido como *oudèn légein*. A meta platônica no *Sofista*, para o autor, consiste em desarticular a suposição de um não-ser absoluto, realizada ante um enunciado falso, de modo que a exposição do diálogo evidencia que a falsidade não nos leva a supor um não-ser absoluto nem a formulação de uma teoria do não-ser absoluto. Reconhecemos, pois, a fonte desse mesmo erro na ontologia eleata que intenta conformar o *lógos* com a forma imutável do ser-absoluto. Platão elabora no *Sofista* um conceito dialético do ente pela explicação do *lógos*, como poder precípua de articular unidade e multiplicidade, e em resposta à posição eleata do *eón*, para a qual há apenas entidades singulares e imóveis. A tese eleata do ser não contempla uma pluralidade de formas. As formas inteligíveis no *Sofista* são, antes, entidades não privadas de combinação

e composição, de sorte que o movimento das idéias depende da superação do imobilismo das entidades eleáticas, cuja opacidade específica, define a impossibilidade de pensar a comunicação intereidética. Para Fabián Mié, Platão questiona a ontologia monista eleata, fundamento da concepção sofística da não-existência da opinião e do discurso falsos. A dialética platônica, na concepção do autor, pode ser entendida como *dialética positiva*, numa evidente distinção em relação à *dialética negativa*, de tipo zenoniano, cuja meta é destrutiva e se atinge pela demonstração da aporia. Mié defende a tese de que a comunidade dos gêneros supremos do *Sofista* deve ser pensada como *explicação da possibilidade do lógos do ente*, entendido como *idea*. Retomando o prólogo de Szlezák, o *Sofista* fundamenta a teoria das idéias, pois, pela doutrina da *koinonía tôn genôn*, se delinea o contorno de uma completiva ciência do ser como filosofia dos princípios. Compreendendo o *lógos* como sendo sempre enunciado de algo (*lógos tinós*), o Estrangeiro de Eléia diferencia duas funções sintáticas principais no *lógos*, referentes à do sujeito da ação e à da atribuição de uma ação a esse sujeito, respectivamente, *ónoma* e *rhêma*. O discurso originar-se-ia do entrelaçamento de nomes e verbos, podendo ser tanto um *lógos* verdadeiro quanto um falso. A tese platônica sobre o *lógos* como tessitura de formas, como *symploké eidôn*, explicita a condição para

a verdade ou falsidade do enunciado. O *lógos* falso seria também uma combinação, porém de formas impossíveis ou até mesmo contrárias, como o movimento e o repouso. Por meio da *symploké* das formas, Platão descobre o problema filosófico dos modos de dizer o ente, que desde Aristóteles se circunscreve ao problema das categorias, da relação entre a essência substrata e os seus atributos. Os *mégista géne* seriam, para Mié, legítimas categorias, porquanto designam modos de enunciação do ente.

Recusando a metafísica de dois mundos, que cinde os âmbitos do sensível e do inteligível, Fabián Mié afirma que a fenomenalidade é o aparecer mesmo das formas, de modo que o sentido dos fenômenos reside nas formas, que constituem unidades ideais com partes organizadas. Assim, na explicação dialético-formal da *méthexis* mediante a *koinonía eidôn*, a unidade das formas não se entende pelo sentido do uno absoluto, mas pela articulação dialética da pluralidade de formas.

Mié defende ser a teoria das idéias-números, transmitida por Aristóteles e Teofrasto, parte integrante da doutrina platônica do *lógos*. A identidade ontológica entre idéia e número reside na hipótese de que todos os números reconhecem os mesmos princípios, a unidade formal e a diáda material indefinida, pois cada número, por um lado, participando da unidade, se constitui como algo singular e deter-

minado, por outro, participando da díada, se torna divisível, representando uma quantidade. A *diáresis* tenciona, pois, definir o *átomon éidos*, entendido como uma mônada composta, porém unitária, pela representação de uma singularidade genérica articulada em uma pluralidade de espécies relacionadas. Fabián Mié reitera que se afere em cada espécie indivisível um fator de composição capaz de estabelecer uma ordem na tessitura completiva das idéias. A doutrina platônica das idéias-número formula a concepção do *éidos* como um composto sintético de mônadas, de modo que a singularidade de cada *éidos* constituir-se-ia como uma unidade por meio da determinação de uma pluralidade. Deste modo, os *mégista géne* e as *idéias-números* são expressões de uma teoria dos princípios, teses com funções similares, porque ambas se propõem explicar a estrutura das idéias em seu caráter formal-dialético. Se os *mégista géne* evidenciam a base combinatória que assegura a interconexão genérico-específica das idéias, as *idéias-número* expõem a estrutura da interconexão eidética como ordem de unidades compostas de elementos.

Assim como o excursus sobre os *mégista géne* do *Sofista* nos fornece os instrumentos para explicar o não-ser e a falsidade, no *Filebo*, para Fabián Mié, o excursus sobre os quatro gêneros da vida feliz (*bíos eudáimon*), o limite, o ilimitado, a mistura entre limite e ilimita-

do e a causa da mistura, busca explicar a estrutura das entidades a fim de validar a natureza da razão e do prazer. Mié se baseia também para seu enfoque hermenêutico na chamada doutrina esotérista de Platão, fortemente combatida por Harold Cherniss e cujos representantes conspícuos são os tubingenses Konrad Gaiser e Hans Krämer e o milânes Giovanni Reale. Contudo, diferentemente desses, Mié não opõe à escritura do texto platônico sua suposta doutrina oral, partilhada pelos discípulos da Academia como Aristóteles, Espeusipo, Xenócrates. Ao contrário, o testamento platônico ágrafo, fonte da teoria dos princípios, para Mié, sistematiza certas concepções apontadas nos *Diálogos*, almejando uma complementaridade entre as posições fundamentais das transmissões direta e indireta da filosofia platônica. Mié, retomando as formulações teóricas de Gaiser e Krämer em torno da teoria dos princípios, eixo explicativo da leitura esotérista, correlatos ao princípio formal, o um-limite, e ao princípio material, a díada ilimitada do grande e do pequeno, propugna que a apreensão pura e certa do um-originário pela *nóesis*, e não somente pelo uso discursivo da razão, a *diánoia*, constitui um conhecimento *sui generis* da síntese entre unidade e multiplicidade, haja vista que a unidade de uma forma não supõe a eliminação da pluralidade. Postular como correlatos inteligíveis da *nóesis* apenas entidades de uma simpli-

cidade absoluta, induziria Platão a ratificar a propositura eleata. À evidência duma articulação ontológica entre o um e o múltiplo associar-se-ia a concepção lógica das formas proposicionais, pela qual se articulam mutuamente, pela admissão da predicação, as formas. O *Filebo* seria o diálogo paradigmático que exporia a teoria platônica de dois princípios. A técnica dialética no *Filebo* consiste na correta demonstração da articulação desses dois princípios matemáticos, *péras* e *apeiría*, produzindo todas as entidades. O *Filebo* destaca haver quatro gêneros, relativos ao limite, ao ilimitado, à mescla entre limite e ilimitado e à causa da mistura. Fabián Mié defende que as formas do *Sofista* e do *Filebo* são formas de formas, gêneros formais que fundamentam a estrutura das formas materialmente consideradas, ressaltando sua interpretação de dois princípios, formal e material. Similarmente à *República*, no *Filebo* se demarca a dimensão de uma natureza supra-essencial que é, para o autor, possibilidade articulada de toda a realidade correlata à potência do Bem, *he toû agathoû dýnamis* (*Filebo* 64e), potência que se efetiva em distintas formas e constitui a forma mesma da realidade. Mié interpreta a idéia do Bem no *Filebo* à luz da leitura esoterista, especificamente a de Hans Krâmer, que a entende como princípio ontológico de determinação e ordem de todas as idéias. Se o Bem é um princípio teleológico, ao qual a vida

hedonista aspira, o prazer não pode ser idêntico ao bem, pois há tanto prazeres bons quanto maus. O Bem é o princípio formal tanto da gênese sensível quanto de ciências relativas à *diánoia*, como aritmética, geometria e estereometria. Porque as ciências dianoéticas participam dos critérios fundamentais da forma do Bem como medida, proporção e beleza e porquanto o Bem é objeto exclusivo do filósofo dialético, cabe à dialética assegurar a validade epistemológica daquelas ciências exatas. Do reconhecimento da participação hierárquica das diversas *epistémiai* e da gênese sensível na forma suprema do Bem, o *Filebo* explicita que a vida feliz depende da mescla correta entre os prazeres bons e os conhecimentos mais puros. Para Mié, se se não produz a síntese correta entre entre as melhores partes de ambos os componentes, instaurar-se-iam na vida humana fatores de dependência e heteronomia. Mié sustenta que, pela relação entre o bem e a vida boa, Platão focaliza tanto a orientação racional que devemos colocar constantemente em jogo em nosso comportamento quanto a vigência de certo conhecimento do Bem, necessário ao exercício de nossa facticidade.

A filosofia platônica do *lógos*, portanto, se apresenta, segundo a tese de Fabián Mié, como uma resposta ao eleatismo e à sofística, defendendo, em oposição à metafísica dos dois mundos, ser a realidade sensível uma represen-

tação da ordem normativo-ideal, cuja estrutura se revela por meio da combinação entre unidade e pluralidade, de modo que a dialética e a metodologia da *diáresis* constituiriam a versão platônica do *lógos* dessa mesma estrutura. O método da *diáresis*, a doutrina dos gêneros supremos e também a postulação dos números ideais e da teoria dos dois princípios correlatos ao um e à díada indefinida do grande e pequeno seriam, para Mié, os eixos teóricos pelos quais o filósofo ateniense confi-

gura a sua filosofia e sua dialética do *lógos* do ente.

RODOLFO JOSÉ ROCHA RACHID  
PPG Letras Clássicas  
FFLCH/USP